

## **Cibercultura e a matriz lacaniana dos quatro discursos<sup>1</sup>**

Julio Cesar Lemes de Castro<sup>2</sup>

PUC-SP

### **Resumo**

Este trabalho propõe-se a aplicar à cibercultura a teoria dos discursos de Jacques Lacan. Os quatro discursos – do senhor, da universidade, da histeria e do analista – são definidos no *Seminário XVII* como os tipos mais abrangentes de laços sociais. Todos eles podem ser associados a diferentes facetas da cibercultura, em especial os discursos da universidade e da histeria, que representam os eixos mais importantes da modernidade e aparecem sob uma forma radicalizada na sociedade contemporânea.

### **Palavras-chave**

cibercultura; discursos; laços sociais; Lacan

### **1. Discursos como laços sociais: estruturas que descem às ruas**

Em 22 de fevereiro de 1969, Foucault profere uma conferência na Sociedade Francesa de Filosofia sobre a questão do autor. Na ocasião, ele faz uma distinção entre o autor que escreve uma obra e aquele que funda uma discursividade, isto é, uma estrutura (embora ele não chegue a usar esse termo) que define “a possibilidade e a regra de formação de outros textos” (FOUCAULT, 2001, p. 832). Exemplos do segundo tipo são Marx e Freud: retornar a eles não implica simplesmente adicionar um suplemento histórico à discursividade, mas transformá-la (ibid., p. 836-837). Um dos convidados à conferência, o intelectual marxista Lucien Goldmann, toma a palavra e sustenta contra Foucault que a história é feita pelos homens e não pelas estruturas, conforme o slogan dos manifestantes de 1968: “As estruturas não descem às ruas” (ibid., p. 844). Lacan, o último convidado a falar, agradece a menção na conferência à proposta de “retorno a Freud”, sob a égide da qual ele desenvolvia seu ensino; em seguida, alinha-se com Foucault contra Goldmann, arrematando que as estruturas descem sim às ruas (ibid., p. 848).

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela USP, com mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. [jccastro@osite.com.br](mailto:jccastro@osite.com.br)

Desde 1953, quando empunhara a bandeira do retorno a Freud, Lacan mantinha um seminário em Paris aberto ao público. No princípio, os frequentadores eram basicamente psiquiatras e psicanalistas. Com o tempo, a audiência crescera e diversificara-se. No mesmo ano do episódio relatado acima, ele começa, dia 26 de novembro, o *Seminário XVII*, no qual o mote das estruturas capazes de descer às ruas é retomado. O tema principal desse seminário é a noção lacaniana de discurso. Enquanto em Foucault os discursos são dispositivos da ordem da textualidade, em Lacan eles constituem as modalidades mais abrangentes de laço social. Os esquemas que os representam são descritos literalmente como criaturas providas de meios de locomoção e animadas de movimento. Lacan refere-se a eles como “meus diversos esqueminhas, ditos de quatro patas” (LACAN, 1991, p. 118), ou como “pequenos quadrípedes giratórios” (ibid., p. 15). E sugere que Édipo poderia ter respondido assim ao enigma proposto pela Esfinge: “Duas patas, três patas, quatro patas, é o esquema de Lacan” (ibid., p. 39). Subjacente ao alardeado dinamismo dessas estruturas está a intenção de dar conta, por intermédio delas, do *Zeitgeist*. Nessa época a agitação estudantil, na vaga de Maio de 1968, ainda persiste, envolvendo inclusive a filha e o genro de Lacan, que se tornam militantes maoístas e entram na clandestinidade. O próprio seminário é afetado por incidentes protagonizados por manifestantes. Mas a universidade também é cenário da produção do saber científico, cuja contribuição ao espírito do tempo é captada nesse seminário através de neologismos como “latusas” e “aletosfera”. E a formulação da teoria lacaniana dos discursos coincide com um importante fruto do saber científico, o nascimento, no outro lado do Atlântico, da Internet: a sessão inaugural do *Seminário XVII* ocorre exatamente quatro semanas após a transmissão da primeira mensagem pela rede e cinco dias após o estabelecimento de seu primeiro link permanente.

Este trabalho é uma tentativa inicial, ainda embrionária, de substanciar esse vínculo, mostrando como os discursos estão presentes na cibercultura.

## 2. A matriz dos discursos

Enunciado pela primeira vez no *Seminário XVII, O avesso da psicanálise*, de 1969-70, o esquema dos discursos é retomado em “Radiofonia”, em 1970 (LACAN, 2001, p. 403-447), e nos seminários *XVIII, De um discurso que não fosse semblante*, de 1971 (LACAN, 2006); *XIX, O saber do psicanalista*, de 1971-72 (LACAN, 1971-1972); e *XX, Mais, ainda*, de 1972-73 (LACAN, 1975).

Cada discurso apresenta-se formalmente como um algoritmo com quatro posições: o agente, o outro, a produção e a verdade.

$$\begin{array}{ccc} \text{agente} & \longrightarrow & \text{outro} \\ \hline \text{verdade} & // & \text{produção} \end{array}$$

Essas posições são ocupadas por quatro termos diferentes:  $S_1$ , o significante-mestre;  $S_2$ , a bateria de significantes ou o saber;  $\$$ , o sujeito barrado ou dividido; e  $a$ , o objeto causa do desejo ou o mais-de-gozar. Como a ordem entre os termos é fixa, sua rotação pelas posições, em movimentos de um quarto de volta, resulta em quatro modalidades de discurso: do senhor, da universidade, da histeria e do analista.

#### Discurso do senhor

$$\begin{array}{ccc} S_1 & \longrightarrow & S_2 \\ \hline \$ & // & a \end{array}$$

#### Discurso da universidade

$$\begin{array}{ccc} S_2 & \longrightarrow & a \\ \hline S_1 & // & \$ \end{array}$$

#### Discurso da histeria

$$\begin{array}{ccc} \$ & \longrightarrow & S_1 \\ \hline a & // & S_2 \end{array}$$

#### Discurso do analista

$$\begin{array}{ccc} a & \longrightarrow & \$ \\ \hline S_2 & // & S_1 \end{array}$$

A teoria dos discursos não pretende ser uma chave de interpretação da história. Ela não postula uma correspondência biunívoca entre um discurso e uma época; num período determinado, com efeito, coexistem manifestações de diferentes discursos. Isso significa que não se pode conceber a história como uma sucessão de discursos, tal como se pensa a história como uma sucessão de modos de produção. Não obstante, é perfeitamente possível associar um dado fenômeno histórico a um discurso específico. O próprio Lacan faz isso, por exemplo ao identificar, no *Seminário XVII*, o capitalismo com o discurso da universidade. Daí decorre

que o peso relativo de cada discurso se altera de uma época para outra: assim, o advento do capitalismo é relacionado à passagem do senhor antigo, representado pelo discurso do senhor, para o senhor moderno, representado pelo discurso da universidade. Vale lembrar que, mais tarde, o capitalismo é vinculado ao discurso epônimo, um quinto discurso, proposto numa alocução na Universidade de Milão, em 1972 (LACAN, 1978), e obtido por uma torção no discurso do senhor. Embora o discurso do capitalismo remeta mais precisamente ao capitalismo tardio e tenha um grande potencial de aplicação à cibercultura, da qual é contemporâneo, ele não será abordado neste trabalho, que se limitará à matriz dos quatro discursos concebida originalmente por Lacan.

### 3. Cibercultura e discurso da universidade

$$\frac{S_2}{S_1} \quad \begin{array}{c} \longrightarrow \\ // \end{array} \quad \frac{a}{S}$$

A modernidade, a partir do século XVI, é marcada pelo fenômeno de virtualização da autoridade, entendida como valorização da função em detrimento da figura de autoridade. O modelo é o da produção capitalista, em que uma relação contratual entre pessoas livres toma o lugar de uma relação explícita de poder entre senhor, de um lado, e escravo ou servo, de outro. De forma mais emblemática, o esvaziamento das figuras de autoridade afeta Deus, no contexto da ciência moderna e da Reforma Protestante; o rei, como corolário do triunfo da democracia burguesa; e o pai, no rastro do modelo ascendente de família conjugal. Em contrapartida, há uma expansão generalizada do saber, enquanto cadeia de significantes, que se cristaliza em estruturas e dispositivos de poder: o mercado, em Marx; o Estado, em Hegel; a burocracia, em Weber; as instituições disciplinares, em Foucault.

Todas essas mudanças podem ser caracterizadas, em termos teóricos, como a passagem do discurso do senhor para o discurso da universidade, levando em conta especialmente o lado esquerdo dos algoritmos desses discursos. No discurso do senhor,  $S_1$ , na posição de agente, condensa a figura e a função de autoridade. Já no discurso da universidade há uma cisão:  $S_1$  representa a figura de autoridade, camuflada na posição da verdade, enquanto  $S_2$  representa a função de autoridade, em evidência na posição de agente. Estamos

diante de uma espécie de versão “S<sub>2</sub> do senhor, mostrando o osso do qual resulta a nova tirania do saber” (LACAN, 1991, p. 34-35).

Com efeito, se no discurso do senhor o saber está do lado do escravo, no discurso da universidade o saber está do lado do capitalista: “No primeiro estatuto do discurso do senhor, o saber é a parte do escravo. E eu cri poder indicar (...) que o que se opera do discurso do senhor antigo ao do senhor moderno, que chamam de capitalista, é uma modificação no lugar do saber” (LACAN, 1991, p. 34). A mudança no lugar do saber é acompanhada de uma mudança em sua natureza: “O que é preciso compreender desse esquema – como já foi indicado ao colocar S<sub>2</sub>, no discurso do senhor, no lugar do escravo, e ao colocá-lo em seguida, no discurso do senhor modernizado [o discurso da universidade], no lugar do senhor – é que não é o mesmo saber” (ibid., p. 38). Tal como a autoridade, o saber virtualiza-se, tornando-se um saber neutralizado, formalizado, universalizado, através da “introdução no horizonte do mundo novo dessas puras verdades numéricas, do que é contável” (ibid., p. 92). E, com o deslizamento do significante-mestre, no lado esquerdo do algoritmo, da posição superior para aquela sob a barra, seu efeito totalizador sobre o saber é modificado: passa-se de um saber fechado para um saber cumulativo. No discurso do senhor, trata-se do “saber de tudo” (“*savoir-de-tout*”), isto é, o saber abrangente, ancorado num significante-mestre que logra explicar todas as coisas, como uma chave universal. Já o discurso da universidade caracteriza-se pelo “tudo-saber” (“*tout-savoir*”), “que se deve entender como esse algo que se afirma não ser nada mais que saber” (ibid., p. 34) – ou seja, tudo agora se reduz ao saber, que se organiza em unidades discretas, passíveis de acumulação.

Na detalhada análise feita por Marx, em *O capital*, da transição do artesanato para a manufatura e desta para a indústria, vemos como o saber migra do trabalhador para o capitalista, o capataz, a própria máquina (MARX, 1975). E aqui se inscreve o nome de Charles Babbage, a quem Marx faz diversas alusões. Babbage defende a fragmentação do trabalho e a concentração do saber sobre o trabalho em quadros de elite, antecipando o gerenciamento científico de Frederick Taylor (TAYLOR, 1947) e ilustrando a mudança no lugar do saber. Sua intenção é reduzir a importância do trabalhador, fonte potencial de indisciplina e contestação, de forma a poder domesticá-lo: “Uma das vantagens mais singulares que derivamos da maquinaria é o controle que ela permite da inatensão, da indolência ou da desonestidade dos agentes humanos” (BABBAGE, 1832, p. 39). Ao mesmo tempo, Babbage exemplifica a mudança na natureza do saber: ao buscar a automatização do trabalho por meios mecânicos, ele concebe suas máquinas diferencial e analítica. Embora tais

projetos, que datam da primeira metade do século XIX, tenham sido implementados de modo incompleto, por conta deles Babbage é considerado o pai da computação.

Também no âmbito do Estado o controle está associado ao saber, em especial o saber do tipo quantitativo. Desde o início da modernidade ganha espaço a coleta estatal de informações, por exemplo na forma de estatísticas referentes à população (nascimentos, casamentos, mortes), que Foucault relaciona à biopolítica. Isso nos conduz a outro passo importante na história da computação: o primeiro equipamento de processamento de dados que tem aplicação prática é a máquina criada por Herman Hollerith para tabular os dados do censo americano de 1890, utilizando cartões perfurados. A inovação de Hollerith encontra outros usos ao redor do mundo, incluindo a tabulação de informações sobre judeus na Alemanha nazista, e seu nome, convertido em substantivo comum, até hoje designa no Brasil os demonstrativos de pagamentos de salários. Além disso, a empresa por ele fundada, que em 1924 passa a chamar-se IBM (International Business Machines), vem a desempenhar papel bastante importante no ramo de informática.

Outro tipo de controle vinculado ao Estado que se vale do saber e tem importância fundamental na história da computação é o militar. O primeiro computador propriamente dito, ou seja, programável, o ENIAC (Electronic Numerical Integrator and Calculator), é desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial com o intuito de acelerar o cálculo de trajetórias balísticas e a primeira tarefa a ele designada é a de resolver problemas relacionados à construção da bomba de hidrogênio. A Arpanet, embrião da Internet, que entra em operação em 1969, é idealizada ao longo dos anos 60 sob a égide da ARPA, órgão do Departamento de Defesa norte-americano; uma das utilidades de uma rede de computadores desse tipo, especula-se então, é que ela seria suficientemente descentralizada para continuar operando mesmo que algumas de suas interligações fossem danificadas na eventualidade de uma guerra nuclear.

Com a Internet, entramos na era da cibercultura, que coincide com o período mais recente da modernidade e com a prevalência da chamada “sociedade de controle”. Esse conceito, articulado por Deleuze (2003, p. 240-247), a partir de um termo usado pelo escritor *beat* William Burroughs, para suceder o de “sociedade disciplinar”, de Foucault, mostra como o discurso da universidade funciona na época atual, apoiando-se fortemente no saber ligado à cibercultura. Na sociedade de controle, há um aprofundamento do fenômeno de virtualização da autoridade, caracterizado pela dominância de  $S_2$  e pela camuflagem de  $S_1$ . Sobre cada um passa uma "chuva de informações", na expressão de Lacan (1973-1974, 15 de janeiro de

1974). É o saber sobre os sujeitos, acumulado e organizado em máquinas cibernéticas, que governa efetivamente suas vidas. A autoridade não se coagula em figuras específicas, mas expressa-se em estruturas imateriais, compostas apenas de significantes e cujo substrato se reduz a 0s e 1s. E, se com o advento da modernidade o *savoir-de-tout* tradicional dera lugar ao *tout-savoir* do mundo da tipografia e da ciência, a cibercultura leva isso às últimas consequências. *Tout-savoir* significa, aqui, que tudo se torna digital, que se instaura uma rede na qual outros meios (como rádio e televisão) são absorvidos, múltiplas finalidades (compras, relacionamento afetivo, educação etc.) são visadas, o trabalho profissional convive com o amador, a cultura erudita mistura-se com a cultura de massa etc. O aspecto cumulativo desse saber evidencia-se através da chamada inteligência coletiva, que em geral consiste no somatório automatizado de um número muito grande de decisões individuais, ou seja, numa espécie de sufrágio. É o caso da hierarquização de resultados nos mecanismos de busca levando em conta a popularidade de cada link, da identificação de memes na blogosfera, da definição de padrões de compra a partir dos registros de operações nos sites de comércio eletrônico, e assim por diante.

No discurso da universidade, não apenas a figura de autoridade se esvazia, mas também o sujeito se torna mais abstrato. Observando a passagem da comunidade tradicional (*Gemeinschaft*) à sociedade moderna (*Gesellschaft*), segundo o esquema clássico de Tönnies (2002), podemos dizer que, quanto mais sutis são os mecanismos de controle social, mais fluida é a identidade individual. Nesse sentido, a cibercultura radicaliza a orientação da *Gesellschaft*. Incidindo sobre o corpo e os qualificadores mais concretos da identidade (*a* no lugar do outro), o saber gera um sujeito esvaziado, despersonalizado, reduzido ao papel de pivô no jogo de significantes (*\$* no lugar da produção). No ciberespaço, o anonimato é comum, bem como o mascaramento: nomes, imagens, identidades podem ser fictícios. Um *nick* pode ser utilizado por várias pessoas diferentes, assim como vários *nicks* podem pertencer à mesma pessoa. Por trás de uma identidade *online* pode estar alguém que já morreu, ou um agente virtual. Como no famoso *cartoon* de Peter Steiner, publicado na revista *New Yorker* em 1993, que mostra um cachorro comentando com outro, enquanto acessa um computador: “Na Internet, ninguém sabe que você é um cachorro”.

#### 4. Cibercultura e discurso da histeria

$$\frac{\$}{a} \quad \xrightarrow{\quad} \quad \frac{S_1}{S_2}$$

Tanto o discurso da universidade como o discurso da histeria resultam de uma rotação de um quarto de volta a partir do discurso do senhor; no primeiro, o giro é no sentido anti-horário, no segundo, é no sentido horário. Em consequência, as posições de cada termo no discurso da histeria são exatamente simétricas às posições no discurso da universidade. E, entre eles, há uma complementaridade – em termos topológicos, é uma relação representada por uma fita de Moebius. O discurso da universidade produz um sujeito dividido ( $\$$ ), esvaziado do que o particulariza ( $a$ ); o discurso da histeria traz esse mesmo sujeito ( $\$$ ) na posição de protagonista, instigado pela falta, que causa seu desejo ( $a$ ).

O discurso da histeria não está subordinado à estrutura nosográfica da histeria, seu agente não é necessariamente qualificável como histórico do ponto de vista clínico. Trata-se de uma modalidade mais geral de laço social, que recebe essa denominação porque seu funcionamento guarda similitudes com o da histeria. Como sujeito dividido exemplar, o sujeito histórico está envolto em dúvida e questionamento. Na forma clássica de histeria, a chamada histeria de conversão, o sujeito exhibe as marcas do significante em seu próprio corpo sob a forma de sintomas. Na medida em que estes funcionam como enigmas a ser interpretados, questões que requerem respostas, a histórica (Lacan, em conformidade com Freud, julga a histeria uma modalidade tipicamente feminina de neurose) funciona como um ponto de interrogação ambulante. Na posição da verdade inacessível ao sujeito aparece o objeto causa do desejo ( $a$ ). Ele manifesta-se sob a forma de uma demanda que versa justamente sobre essa verdade à qual a histórica não tem acesso: quem eu sou? o que eu quero?

Tudo isso se aplica ao sujeito na cibercultura, que pode ser considerado como sintoma de uma condição de incerteza generalizada. Sua identidade é esvaziada; a identidade dos demais a seu redor é igualmente esvaziada; e, com o esvaziamento das figuras de autoridade, o controle social torna-se menos explícito. Como consequência, o sujeito fica no limbo, é privado de pontos de referência. Ele não sabe quem ele é, ou o que ele representa para o Outro. Nem sabe o que ele quer, ou o que o Outro quer dele. E a multiplicidade de

significantes não supre a ausência de parâmetros: como nos versos de T. S. Eliot (1969, p. 155), "mil policiais dirigindo o tráfego/não podem dizer-lhe porque você vem ou onde você vai".

A demanda da histérica dirige-se àquele que ocupa a posição do outro do discurso. Ao interpelá-lo, ela encarrega-o de fornecer respostas, dá-lhe o poder de conferir sentido às coisas como um significante-mestre, transforma-o num senhor ( $S_1$ ). E, com seu questionamento, a histérica compele o senhor a fornecer um saber ( $S_2$ ): "A histérica é o sujeito dividido, dito de outro modo o inconsciente em exercício, que empurra o senhor num canto para produzir um conhecimento" (LACAN, 2001, p. 436). A histérica faz o homem, um homem movido pela busca do saber, que não se cinge a reproduzir um saber assentado: "O que conduz ao saber (...) é o discurso da histérica" (LACAN, 1991, p. 23). Esse saber, por sua vez, tenta dar conta da causa do desejo da histérica, o objeto *a*. O exemplo mais trivial seria o saber psicanalítico, suscitado no curso do tratamento de pacientes históricas por Freud.

De maneira semelhante à histérica, na cibercultura o sujeito esvaziado tenta preencher-se dirigindo-se à rede como Outro. Fazer uma busca na Internet representa da maneira mais elementar o ato de externar uma demanda ao Outro. O que se busca são informações, serviços, produtos, relacionamentos. E é também através do Outro que o sujeito procura construir sua identidade. O Outro é antes de mais nada uma bateria de significantes, portanto construir uma identidade implica multiplicar exaustivamente os significantes, num esforço para captar neles aquilo que se é, aquilo de que se gosta, aquilo que se faz. Exemplos de exposição de si são as páginas pessoais, os blogs, os microblogs, as redes sociais. Compensar a imaterialidade do meio por intermédio de um turbilhão de palavras mimetiza o comportamento da histérica, que se desvia da sexualidade através de sua proverbial loquacidade. Mas a histeria não está alheia ao registro visual, como testemunham as numerosas fotografias dos pacientes de Charcot, no século XIX. O sujeito da cibercultura igualmente faz uso de fotos; e as exibições em vídeo, que alimentam o voyeurismo do público, datam dos primeiros anos da World Wide Web, inspirando-se nos pioneiros *reality shows* televisivos e servindo de inspiração para outros. A histeria, de fato, envolve fazer desejar o Outro. E o sucesso de uma identidade virtual é medido pelo número de *page views*, de amigos, de fãs, de seguidores.

O Outro, contudo, não é apenas teia de significantes ou plateia informe. Ao dirigir sua demanda ao Outro, o sujeito é tentado a dar a ele o formato de figuras de autoridade. A construção de sua própria identidade é acompanhada pela construção de uma identidade para

o Outro. Na cibercultura, uma forma embrionária disso é a tendência à antropomorfização do computador (como o HAL de *2001, uma odisseia no espaço*), de serviços online (“*Google is God*”) etc. Ademais, a própria exposição de identidades no ciberespaço, que as coloca em interação e engendra uma disputa por atenção, leva à cristalização de identidades mais populares. Como nos sistemas celestes, astros de menor massa passam então a gravitar em torno daqueles de massa maior. Além dos líderes que despontam no próprio ciberespaço, personalidades midiáticas já estabelecidas tentam transplantar sua liderança para o meio. E mesmo comportamentos rebeldes podem ser canalizados para a adesão a algum líder. Muitos dos serviços e ambientes online contam com destaques individuais. Desse modo, a impessoalidade do controle, característica do discurso da universidade, é contrabalançada pela entronização de senhores específicos, via discurso da histeria.

Na medida em que se processa via significantes, dentro de configurações muitas vezes preestabelecidas, a construção de identidade facilita a coleta de informações pelo Outro, levando água para o moinho do saber. Como o período atual é também o da predominância da sociedade de consumo, o saber na cibercultura está a serviço principalmente da aquisição de bens. As informações coletadas sobre os sujeitos dão conta sobretudo de itens como poder aquisitivo, hábitos, interesses, histórico de compras – em suma, eles são retratados fundamentalmente como consumidores. Controles desse tipo existem no comércio e no marketing tradicionais, mas no ciberespaço eles ganham maior alcance e flexibilidade. Se um cliente compra determinado livro, é possível propor-lhe automaticamente os demais livros do mesmo autor ou sobre o mesmo tema, ou que foram adquiridos por outros compradores daquele, como faz por exemplo a Amazon. Se o usuário de uma rede social se identifica em seu perfil como fã de uma determinada banda, é possível exibir automaticamente para ele um *banner* vendendo ingressos para shows daquela banda, como faz por exemplo o Facebook. Entre o sujeito e o Outro estabelece-se portanto um jogo de espelhamento: o desejo do sujeito, que à partida já é o desejo do Outro, é captado pelo Outro e reenviado a ele, num processo de reforço contínuo.

## 5. Cibercultura e discurso do senhor

$$\frac{S_1}{\$} \quad \longrightarrow \quad \frac{S_2}{a}$$

O prefixo “ciber” vem do verbo grego “*kyberno*”, que significa controlar, dirigir, guiar, e originou o verbo latino “*gubernare*”. Dos quatro discursos, três – os do senhor, da universidade e da histeria – concernem a algum tipo de controle. Na modernidade, o primado anterior do discurso do senhor dá lugar ao primado dos discursos da universidade e da histeria. Nem o senhor camuflado do discurso da universidade nem o senhor suscetível a questionamento do discurso da histeria correspondem àquele do discurso do senhor, embora de uma ou de outra posição eventualmente se possa deslizar para a absolutização do senhor. Por exemplo, a crença no triunfo do progresso e da razão desemboca em metanarrativas com “o grande herói, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo” (LYOTARD, 1979, p. 7-8). As metanarrativas identificam um sentido subjacente à história, advogam uma teleologia laica em lugar da cristã: “A História é feita precisamente para dar-nos a ideia de que ela tem um sentido qualquer” (LACAN, 1975, p. 45). Pode-se dizer que, na modernidade, se o discurso do senhor perde espaço em termos institucionais, ele reaparece em termos ideológicos, por meio das metanarrativas. Na linha superior do algoritmo do discurso do senhor, quando o significante-mestre intervém no saber ( $S_1 \rightarrow S_2$ ), projeta neste uma aspiração de unidade, “a ideia de que o saber possa fazer de alguma maneira, em algum momento, mesmo que seja de esperança no futuro, totalidade fechada” (LACAN, 1991, p. 33). A limitação subjacente ao significante-mestre, representada pelo sujeito dividido, castrado ( $\$$ ), é recalcada na posição da verdade. E o mais-de-gozar ( $a$ ) na posição da produção significa que o excedente, que indicaria incompletude, é descartado.

Se na época contemporânea há uma crise das metanarrativas, há espaço também para o surgimento de novas metanarrativas. Embora na cibercultura predominem os discursos da universidade e da histeria, também em torno dela podemos identificar ideologias que funcionam como discurso do senhor, na medida em que têm aspirações totalizantes. É o caso da noção de “noosfera”, retirada de Teilhard de Chardin e aplicada com frequência ao ciberespaço. Essa noção, colorida de matizes junguianos e *new age*, embute a perspectiva de chegar-se a uma mente coletiva, a uma consciência planetária, a partir da conectividade

técnica. Trata-se da tentativa de dar um rosto único (ou, mais precisamente, um cérebro único) ao ciberespaço, ou seja, unificar um  $S_2$  a partir de um  $S_1$ .

## 6. Cibercultura e discurso do analista

$$\frac{a}{S_2} \quad \begin{array}{c} \longrightarrow \\ // \end{array} \quad \frac{\$}{S_1}$$

No discurso do analista, o sujeito ocupa a posição do outro e o analista ocupa a posição do agente. Entre eles é instaurado um elo de transferência. Isso implica que o sujeito tende a reproduzir, em sua relação com o analista, padrões de comportamento que marcaram todos os relacionamentos afetivos ao longo de sua vida, desde aqueles que foram estabelecidos com os pais na infância. Trata-se aqui de sua fantasia fundamental, do modo como ele se relaciona com o objeto de seu desejo. Vale notar que, no discurso do senhor (chamado por Lacan de “avesso da psicanálise”, título do *Seminário XVII*),  $\$$  e  $a$  ocupam a linha inferior e entre eles há uma seta interrompida, indicando o bloqueio à fantasia (cujo matema é justamente  $\$ \diamond a$ ), algo que faz sentido, porque a fantasia é um modo de lidar com a falta e o discurso do senhor almeja a completude. Já no discurso do analista, que se opõe a qualquer totalização, a fantasia é trazida ao primeiro plano e pode ser plenamente vivenciada. Isso gera a possibilidade de atravessar a fantasia, isto é, tomar distância em relação a ela, decidir o que fazer a seu respeito.  $S_1$ , na posição da produção, indica que a análise fornece novos significantes-mestres, através dos quais tenta dar conta do saber inconsciente ( $S_2$  na posição da verdade) e a partir dos quais é possível ao sujeito ressignificar sua existência.

Como os ambientes virtuais convidam por sua própria natureza à encenação de fantasias, é possível que neles o sujeito se defronte com seu estilo habitual de amar, desejar e gozar. E, na medida em que se abra uma separação entre o sujeito e os avatares que o representam, teoricamente nesses ambientes também seria possível ao sujeito distanciar-se de sua fantasia fundamental. Em alguma medida, por conseguinte, é possível traçar um paralelo estrutural entre as características do funcionamento do ciberespaço e o discurso do analista. Isso não tem nada a ver com uma proposta de fazer análise pela Internet ou algo que o valha, do mesmo modo que identificar a posição do sujeito na cibercultura como histórica não tem conotações clínicas. O analisando engaja-se na análise como “*parlêtre*”, termo do último

Lacan que se pode traduzir como “falasser”. Através da fala, é seu corpo, suporte do gozo, que está envolvido. Quando se abandona o corpo na soleira do mundo virtual, desaparece uma condição básica do procedimento analítico. Assim, só se pode falar de discurso do analista na cibercultura como simulação da estrutura da análise.

### Referências bibliográficas

BABBAGE, C. **On the economy of machinery and manufactures**. London: Charles Knight, 1832.

DELEUZE, G. **Pourparlers: 1972-1990**. Paris: Minuit, 2003 (Reprise).

ELIOT, T. S. Choruses from "The rock" (1934). In: \_\_\_\_\_. **The complete poems and plays**. London and Boston: Faber and Faber, 1969. p. 145-167.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits, I: 1954-1975**. Paris: Gallimard, 2001 (Quarto).

LACAN, J. **Le séminaire, livre XIX: le savoir du psychanalyste**. Association Freudienne Internationale (publication hors commerce), 1971-1972.

\_\_\_\_\_. **Le séminaire, livre XXI: les non-dupes errent**. Association Freudienne Internationale (publication hors commerce), 1973-1974.

\_\_\_\_\_. **Le séminaire, livre XX: encore**. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 1975 (Le Champ Freudien).

\_\_\_\_\_. Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972. In: \_\_\_\_\_. **Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan**. Milan: La Salamandra, 1978. p. 32-55.

\_\_\_\_\_. **Le séminaire, livre XVII: l'envers de la psychanalyse**. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 1991 (Le Champ Freudien).

\_\_\_\_\_. **Autres écrits**. Paris: Seuil, 2001 (Le Champ Freudien).

\_\_\_\_\_. **Le séminaire, livre XVIII: d'un discours qui ne serait pas du semblant**. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 2006 (Le Champ Freudien).

LYOTARD, J.-F. **La condition postmoderne: rapport sur le savoir**. Paris: Minuit, 1979 (Critique).

MARX, K. **O capital: crítica da economia política - Livro primeiro: o processo de produção do capital (vols. I e II)**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975 (Perspectivas do Homem/Série Economia).

TAYLOR, F. W. **Scientific management, comprising Shop management, The principles of scientific management, and Testimony before the Special House Committee.** New York and London: Harper and Brothers, 1947.

TÖNNIES, F. **Community and society: Gemeinschaft und Gesellschaft.** Mineola: Dover, 2002.